

A stylized illustration in shades of purple and pink. Two hands are shown holding a book, with the fingers of the hands visible. The background is filled with abstract, organic shapes and small, star-like patterns, creating a dreamy, celestial atmosphere. The overall style is graphic and artistic.

Coletânea de textos literários de
servidores e pós-graduandos da UFGD

Coletânea de textos literários de servidores e pós-graduandos da UFGD

Adriana de Almeida Cristaldo
Adriana Pereira da Silva Santos
Andrea Paola Yanguas Xavier
Antonio Idêrlan Pereira de Sousa
José Luiz Fornasier
Luana Priscila Barbosa Esteves
Rafael Todescato Cavalheiro
Ricardo Devides Oliveira
Rosilda Mantovani da Silva
Vagner Almeida dos Santos
Vanessa Maciel Franco Magalhães



2025



Universidade Federal da Grande Dourados Editora da UFGD

Equipe

Coordenação Editorial

Marise Massen Frainer | Programadora Visual

Divisão Administrativa

Rafael Todescato Cavalheiro | Assit. Admin. | Chefe da Divisão

Thais Gomes de Souza | T.A.E.

Gabriel Brandão de Azambuja Menezes Cavalheiro | Estagiário

Divisão Editorial

Programação Visual, Revisão e normalização bibliográfica

Cynara Almeida Amaral Piruk | Revisora | Chefe da Divisão

Maurício Lavarda do Nascimento | Programador Visual

Brainer de Castro Lacerda | Programador Visual

e-mail: editora@ufgd.edu.br

Imagem da capa: Segmento do mural de Wess Gama

Diagramação: Editora Educação Literária

Impressão: Gráfica CS LTDA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C694	Coletânea de textos literários de servidores e pós-graduandos da UFGD. / Adriana de Almeida Cristaldo ... [et al.]. – Dourados, MS : EDUFGD, 2025. (Coleção Comemorativa aos 20 anos da UFGD; v.3). E-book (pdf). ISBN: 978-85-8147-234-8 1. Conto. 2. Crônica. 3. Poema. I. Cristaldo, Adriana de Almeida. II. Título.
------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.



CONSELHO EDITORIAL

Marise Massen Frainer

Presidente

Cláudia Gonçalves de Lima

Vice-Reitora

Maria Aparecida Farias de Souza Nogueira (Titular)

Marisa de Fátima Lomba de Farias (Suplente)

**Representante da Câmara de Ensino
de Pós-Graduação e de Pesquisa**

Emilia Alonso Balthazar (Titular)

Narciso Bastos Gomes (Suplente)

Representante da Câmara de Ensino de Graduação

Thissiane Fioreto (Titular)

Alzira Salete Menegat (Suplente)

Representante da Câmara de Extensão e Cultura

Fernando Perli (Titular)

Victor Hugo Rodrigues de Souza (Suplente)

Representante do Conselho Universitário

Eliane Souza de Carvalho

Representante da Comunidade Externa





SUMÁRIO

- 7 **Apresentação**
Marise Massen Frainer
- 9 **Minhas raízes e trajetória migratória: eu na UFGD**
Andrea Paola Yanguas Xavier
- 23 **A Universidade Federal da Grande Dourados e eu: entre idas e voltas, uma história de superações e conquistas**
Rosilda Mantovani da Silva
- 35 **Zara e o fio da liberdade**
Luana Priscila Barbosa Esteves
- 41 **Universigatos**
Ricardo Devides Oliveira
- 51 **De menina a mulher, de CEUD a UFGD: uma história de amor e raízes**
Adriana de Almeida Cristaldo
- 59 **Do Ceará à UFGD: geografias e esperança**
Antonio Idêrlan Pereira de Sousa
- 67 **Ecos do Saber**
Rafael Todescato Cavalheiro



73

**Ecos de uma caminhada
que floresce à
margem dos pódios**

Vagner Almeida dos Santos

87

**Eu na UFGD: um
caminho que se abre
entre ipês e sonhos**

Vanessa Maciel Franco Magalhães

97

Natureza em Perigo

José Luiz Fornasier

99

**Poema:
O Silêncio que se
desfaz com Sinais**

Adriana Pereira da Silva Santos



APRESENTAÇÃO

Marise Massen Frainer

Foi aberto um Edital para a seleção de textos literários, fotografias ou ilustrações de servidoras, servidores, pós-graduandas e pós-graduandos.

A seleção que segue é composta por colegas que ajudam a construir a história da UFGD e compartilhando as suas histórias.





MINHAS RAÍZES E TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA: EU NA UFGD

Andrea Paola Yanguas Xavier

Meu nome é Andrea Paola Yanguas Xavier. Tenho 42 anos e sou doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Neste ano, em que a UFGD celebra duas décadas de existência, também comemoro os 20 anos em que venho construindo, com esforço e dedicação, o sonho de cursar um doutorado em uma universidade pública de



excelência. Essa conquista, para mim, representa mais do que um feito acadêmico — é a concretização de uma longa trajetória de migração, resistência, pendularidade e superação.

Nasci em La Paz, na Bolívia — sou *paceña*, como dizemos. No entanto, com apenas dois anos de idade, minha vida mudou. Minha mãe ficou paraplégica devido a uma complicação anestésica durante o parto do meu irmão. Diante da gravidade da situação, minha família migrou para o Brasil, em busca de tratamento médico. Foi assim que começamos nossa vida no Rio de Janeiro, cidade que me acolheu por 37 anos e onde construí minha identidade, minhas amizades, minha formação acadêmica e afetiva.

Essa migração precoce, forçada por uma tragédia familiar, me afastou fisicamente da Bolívia. Cresci sem



vivenciar plenamente minha cultura de origem, mas ela permaneceu viva em mim — nos traços do rosto, nos cabelos negros, no tom de pele pardo, nos silêncios ancestrais. Carrego a Bolívia no corpo e na alma, mesmo tendo sido criada no Brasil.

Sou casada com um militar da Marinha do Brasil há 19 anos. Há três anos, nossa família foi transferida para o Pantanal sul-mato-grossense, e desde então residimos em Ladário, cidade vizinha à Corumbá. Apenas 25 minutos da fronteira com a Bolívia, vivo hoje uma das experiências mais intensas da minha vida: estar tão próxima de minhas raízes, mergulhar na cultura boliviana e, ao mesmo tempo, compreender as complexidades da vida na fronteira. Entre saudades do Rio de Janeiro e reencontros com minha história, construí um pertenci-



mento duplo — pertenço ao país em que nasci e ao país que me formou. Brasil e Bolívia: um amor real e profundo, que ultrapassa fronteiras.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E RECONEXÃO IDENTITÁRIA

Sou psicóloga há 20 anos, pedagoga há 7 anos, e possuo três pós-graduações nas áreas de educação e saúde. Todas essas formações foram realizadas no Rio de Janeiro. No entanto, foi ao chegar ao Pantanal, já aos 40 anos, que reencontrei uma parte de mim que estava adormecida: minha identidade boliviana. Em 2022, conheci as mulheres *cholas* bolivianas que vivem na fronteira. Suas *polleras* coloridas, suas tranças longas, seu modo de caminhar com dignidade e força chamaram minha atenção de forma imediata e profunda.



Essas mulheres são indígenas, de etnias quééchua e aymara, e resistem culturalmente à diversas formas de apagamento. Trabalham, em sua maioria, na informalidade, enfrentam preconceitos e exclusões, mas mantêm viva sua ancestralidade. Ao conhecê-las, senti que ali que a *chola* da fronteira precisava ser estudada, valorizada e registrada. Foi então que ingressei no mestrado em Estudos Fronteiriços na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul — UFMS/ Pantanal, tornando-me a primeira pesquisadora na América Latina a estudar as *cholas* bolivianas em contexto fronteiriço. A pesquisa nasceu do encontro entre minha história de vida e a história dessas mulheres silenciadas — mulheres que, como eu, vivem entre fronteiras.



SER DOUTORANDA E MULHER PENDULAR NA FRONTEIRA

Hoje sou doutoranda em Geografia na UFGD, e meu projeto dá continuidade aos estudos sobre cultura, identidade e pertencimento das mulheres bolivianas da fronteira. Meu cotidiano, porém, está atravessado por grandes desafios. Moro em Lardário e curso uma disciplina obrigatória presencial em Dourados, o que me obriga a realizar semanalmente uma jornada pendular intensa, com deslocamentos que ultrapassam 28 horas de ônibus.

Minha rotina começa às quintas-feiras pela manhã e termina aos sábados pela manhã. São duas longas viagens, diversos ônibus, esperas prolongadas em rodoviárias, cansaço físico, riscos constantes. Já presenciei



situações de perigo em rodoviárias, como brigas com facas e pessoas transportando mercadorias ilegais. As estradas também não são seguras — já estive a ponto de embarcar em ônibus que sofreram acidentes fatais. Os riscos são reais, e a exaustão, constante. Ainda assim, persisto. Persisto porque acredito na importância da minha pesquisa. Persisto porque sei que estou contribuindo para dar visibilidade a mulheres que, por muito tempo, foram invisíveis.

Além dos riscos e do cansaço, há a saudade. Deixo semanalmente meu filho de 12 anos e meu marido em casa para estudar. Não é fácil. Mas sei que é passageiro. Sei que estou plantando sementes que florescerão não só na minha vida, mas na vida de muitas outras mulheres.



POR QUE A UFGD?

Escolhi a UFGD porque acredito em seu compromisso com as causas sociais, com os povos originários e com os territórios indígenas. A universidade respira diversidade e acolhimento. Meu orientador, professor Dr. Marcos Leandro Mondardo, é um pesquisador com sólida trajetória nos estudos sobre mulheres indígenas, território e fronteira, o que fortalece ainda mais o meu projeto.

Meu doutorado está inserido na linha de pesquisa da Geografia Humana, com ênfase em deslocamentos, território e fronteira. Estudo as *cholas* bolivianas como sujeitos históricos e políticos, que resistem às imposições do colonialismo, do capitalismo global e do patriarcado. São mulheres que lutam por sua so-



brevivência, por sua cultura e por sua dignidade. Mantêm viva a memória dos povos andinos, mesmo em meio ao apagamento imposto pela globalização. Através de suas vestimentas, seus modos de ser e suas formas de trabalhar, constroem uma resistência silenciosa, mas poderosa.

Minha pesquisa parte de uma perspectiva interseccional e decolonial. Ser mulher, migrante, parda, com traços indígenas e latino-americanos, me coloca em uma posição de escuta sensível e de compromisso político com os sujeitos que estudo. A interseccionalidade, para mim, não é apenas um método: é a minha própria vivência. Estudo as *cholas* porque sou atravessada pelas mesmas violências e também pela mesma força ancestral.



FRONTEIRAS VIVAS: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E SABER

A fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro não é apenas uma linha geográfica. É um território de vida, de trocas, de memórias e de afetos. A fronteira é relacional: não separa, mas conecta. Através dela, circulam saberes, culturas, mercadorias, práticas e histórias. Ao viver aqui, compreendo que as fronteiras não são muros, mas pontes de possibilidades. É nessa ponte que construo meu projeto de vida e pesquisa. Acredito que as *cholas* bolivianas da fronteira merecem ser reconhecidas como sujeitos sociais, históricos e políticos. Merecem estar nos livros, nas universidades, nos debates. E se hoje elas estão começando a ganhar esse espaço, é porque há pesquisa-



doras como eu dispostas a ouvi-las, registrá-las e aprender com elas.

Investir no meu doutorado é investir na visibilidade dessas mulheres. É acreditar que a universidade pode — e deve — ser um espaço de justiça social. Toda semana, gasto cerca de R\$ 700 com transportes. Estudo durante as viagens. Durmo pouco. Enfrento o cansaço, o medo e a solidão. Mas sigo em frente. Porque sei que estar na UFGD é estar em um lugar onde minha pesquisa faz sentido, onde minhas raízes se encontram com a ciência, onde minha história de vida se transforma em produção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA CAMINHADA DE RESISTÊNCIA

Minha trajetória é marcada por deslocamentos: do corpo, da mente, da história. Sou uma mulher que



atravessa fronteiras — físicas, simbólicas, afetivas. Sou migrante, pendular, latino-americana. Sou nascida na Bolívia e criada no Brasil. Carrego em mim memórias que querem o ancestral e os projetos de futuro. E acredito, profundamente, que só através da educação podemos transformar as estruturas que marginalizam e silenciam tantas mulheres.

Ser doutoranda na UFGD é o ápice de um sonho. Mas não é um caminho fácil. Requer força emocional, resiliência, coragem. Requer fé. Requer o amor incondicional pela pesquisa, pelas mulheres que estudo, pela transformação que acredito. Toda semana, quando embarco rumo a Dourados, estou reafirmando meu compromisso com a justiça social, com o reconhecimento da diversidade e com a construção de saberes. Estudar a fronteira



é, para mim, uma fonte da vida. Eu resisto porque acredito. Persisto porque sonho. E estudo porque sei que é só assim que posso verdadeiramente transformar e visibilizar.

RAÍZES QUE CRUZAM FRONTEIRAS

Nasci onde o céu toca os Andes,
Mas cresci onde o mar samba — De
La Paz ao Rio,
Meu corpo migrou, mas minha alma
ficou
Cabelos negros, pele parda que
carrega a história dos povos calados.

Sou mulher de passos largos.
A pollera da chola, eu vi!
No silêncio da fronteira, eu a ouvi.
Lá, onde Corumbá entrelaça Puerto
Quijarro,
Meu coração encontrou perguntas que
geraram respostas.





A UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS E EU: ENTRE IDAS E VOLTAS, UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÕES E CONQUISTAS

Rosilda Mantovani da Silva

Para mim, o retorno aos bancos da universidade, representou um processo de transformação pessoal e profissional. Enfrentei adversidades, superei limites e consolidei objetivos inicialmente tidos como utópico.



O ingresso no mestrado, em 2023, foi marcado por dúvidas, baixa-autoestima, medos e autoavaliação negativa por conta de alguns motivos, entre eles, estar afastada da rotina acadêmica, como aluna, há tempos. Soma-se a isso, o fato de já ter desistido do curso, após enfrentar concorrido processo seletivo, obter aprovação e efetuar matrícula.

Em 2017 fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc/UFGD e, concomitante, no certame para docência na Educação Básica do município de Dourados/MS. Considerando já estar afastada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS (onde sou servidora) para capacitação, fiquei impedida de assumir o concurso. Optei por cancelar a matrícula, retornar às



minhas atribuições na UEMS e assumir o concurso público.

Hoje entendo o quanto é preciso ter coragem para desistir de algo que a gente almeja com intensidade. Porém, à época, abateu-me um sentimento de fracasso, culpa e ansiedade. Eu postulava, deveras, prosseguir com os estudos, mas também, e com igual intensidade, ser professora da Educação Infantil. Na verdade, um complementa o outro.

Tal decisão trouxe-me angústias. Pensei não alcançar outra oportunidade de efetivar-me como docente, bem como jamais poder retornar aos cursos de pós-graduações da UFGD.

O desejo de aprender e de contribuir com a qualificação profissional, por meio do conhecimento, sempre foi um motor a impulsionar minhas ações. Assim, após cumprimento do



estágio probatório, visei retornar ao mestrado na mesma instituição. Fui desclassificada na primeira tentativa e colocada na lista de espera, numa segunda.

Com esforço e dedicação consegui superar obstáculos e adentrar novamente, em 2023, no PPGEdu/UFGD. Estava eufórica e grata! Todavia, logo no primeiro mês, deparei-me com uma rotina intensa de estudos e exigências acadêmicas, para as quais eu não estava preparada. Senti-me limitada e incapaz de acompanhar os conteúdos e atividades de forma satisfatória.

A adaptação foi desafiadora, especialmente por conta da dificuldade de inteirar-me do Conteúdo Programático, com a quantidade de textos e livros a serem estudados. Ainda tinha a interação com pessoas de contex-



tos diversos e concepções diferentes (e divergente). Tais demandas exigiram organização, resiliência e determinação. Encarar o novo! Confrontar o que entendia ser um ambiente um tanto hostil, ególatra e competitivo.

Entendi, posteriormente, que tais características não são raras em ambiente acadêmico, em especial nas etapas de mestrados e doutorados. Por vezes a soberba aflora e algumas pessoas ignoram, em seu contrassenso, as qualidades e virtudes indispensáveis às experiências educativas. O esforçar-se para “diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas virtudes indispensáveis — a da coerência” (Freire, 2022, p. 63).

Um marco fundamental dessa compreensão foi a disciplina “Educação e Paradigmas do Conhecimento



l", ministrada pelo professor Reinaldo dos Santos, cuja ementa é auto-evidente quando apresenta, entre outras propostas, debater "os fundamentos epistemológicos da dinâmica de construção, legitimação e difusão do conhecimento científico".

A bibliografia ali adotada foi crucial para melhor compreender as complexidades da vida universitária. Um exemplo: a tarefa de fazermos um protocolo da obra cinematográfica "Nota de Rodapé" (*Footnote*). Trata-se de um filme israelense, dirigido por Joseph Cedar, que mergulha no mundo acadêmico e explora, entre outros temas, a intensa pressão que as/os estudantes e docentes enfrentam. Esse público é, por vezes, confrontado com altas expectativas de desempenho, competição acirrada e



uma busca incessante por resultados e reconhecimento.

Em eco com Antonio Nóvoa eu buscava entender a cultura do produtivismo; os desafios enfrentados por pós-graduandas/os e pesquisadoras/es ante a indústria da produtividade científica; o orgulho de se publicar centenas de artigos, títulos de livros e obras inteiras ao longo da vida acadêmica. “Seria isso uma coroa de glórias ou de demência. Cada dia se publica mais. Cada dia se lê menos” (Nóvoa, 2015, p. 267).

Os conflitos e as formas como as pessoas se relacionam para produzir o conhecimento e sobreviver no mundo acadêmico continuam uma incógnita. Por um lado, a academia (em seu interior) é uma rede de vaidades, intrigas, disputas e discordância entre ideias; por outro (em seu exterior),



ela representa uma Instituição de alta nobreza e dignidade. Não por acaso, políticos de ultradireita, somados às articulações religiosa extremistas e conservadoras, buscam dominar o campo educacional, porque assim podem controlar a liberdade de pensamentos novos, de se (re)construir conhecimentos e caminhos capazes de habilitar pessoas conscientes de sua dignidade, de seu potencial e de sua humanidade. Seres, como ensina Frantz Fanon, livres de toda forma de colonialismo, seja social, político, mental ou espiritual, percebiam-se qualificados para organizar uma sociedade verdadeiramente democrática.

As disciplinas do curso, bem como o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Culturas e Identidades/EDUCA, foram medulares para o fortalecimento de meus propósitos



e início do percurso como pesquisadora. Destaque especial para “Seminário de Pesquisa em Educação, Formação de Professores e Práticas Educativas”, ministrada pela professora Marta Coelho Castro Troquez, por proporcionar ensinamentos teóricos, reflexões e atividades práticas, as quais possibilitaram a efetiva organização e elaboração do projeto de pesquisa, bem como “Estágio de Docência de Mestrado”, conduzida pela professora Cássia Cristina Furlan. Como orientadora, ela apresentou-me à temática que pautaria minha pesquisa: os Estudos Feministas Decoloniais, em interlocução com a perspectiva dos Estudos Culturais.

Hoje, vejo a UFGD como um espaço de transformação em minha vida pessoal e profissional. Os conflitos levaram a autoavaliações e conhe-



cimentos que, além de fortalecerem meus propósitos, prepararam-me para o exercício da cidadania e da docência de forma ética, responsável e comprometida com a dignidade e a diversidade humana.

À vista disso, o mestrado não foi apenas um espaço de formação intelectual, mas também de amadurecimento emocional, social, geracional, etcétera e tal. A UFGD confirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2022, p. 24). Nossa história demonstra o quanto, com perseverança, dedicação e respeito, pode-se transcender limites e alcançar objetivos, a princípio, inatingíveis.

Por fim, ficou a lição: a gente precisa fazer escolhas o tempo todo. Nenhuma pessoa deve considerar-



-se franca, perdedora ou menor por reprovar ou desistir de alguma, ou de muitas, coisa(s) em determinados momentos da vida.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 72ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

NOTA de rodapé. Direção: Joseph Cedar. Produção: israelense, 2011 (107 min.). **Plataforma Amazon**. Disponível em: https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.c604de1c-4f9f-40a8-9a63-15326a770504?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb. Acesso em: 2, jun. 2023.

NÓVOA, Antonio. Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em Educação? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 263-272, 2015.





ZARA E O FIO DA LIBERDADE

Luana Priscila Barbosa Esteves

Zara nasceu em um reino onde as mulheres negras eram ensinadas a se calar.

Era um lugar bonito por fora, com festas, promessas e discursos que falavam em igualdade — mas que, nas entrelinhas, costuravam destinos já determinados: umas para limpar, outras para obedecer, e poucas, muito poucas, para sonhar.

Desde cedo, Zara ouviu que estudar não era para ela. “Vai acabar igual à mãe”, diziam. “Vai acabar igual à avó.”

Mas Zara ouvia, à noite, histórias sussurradas por essa mesma avó —



histórias de mulheres que, mesmo costurando no silêncio, tinham mudado tudo ao seu redor. A avó não sabia ler, mas sabia narrar o mundo com os olhos. E com a alma. Era ela quem dizia:

— Tem fio que parece fino, mas aguenta o peso do mundo.

Zara cresceu carregando esses fios. Cada livro lido em segredo, cada aula assistida com medo, cada ‘não’ que ouviu no caminho — tudo virava linha no seu tecido invisível.

Mas foi quando encontrou, escondido na estante da escola, um livro antigo chamado “A Tecelã das Sombras” que algo mudou.

Era a história de Amina, uma mulher que vivia em um mundo onde ninguém a via, mas que, à noite, tecia realidades outras com fios encantados. A cada tecido, Amina transfor-



mava dor em coragem, silêncio em canto, sombra em brilho.

Zara leu o livro como quem reencontra o próprio nome.

Ali, entendeu que podia tecer também e então ela ousou. Fez o vestibular e passou.

No dia em que atravessou os portões da Universidade Federal da Grande Dourados, o reino inteiro pareceu estremecer.

Zara não levava flores, nem medalhas — levava histórias.

Levava a avó. Levava Amina. Levava todas as mulheres que, de alguma forma, a ensinaram que conhecimento também é resistência.

Ali, na UFGD, viu outras como ela. Mulheres com olhos firmes, com vozes antes caladas, agora em debate, em verso, em pesquisa e entendeu que não estava só.



Aprendeu sobre o mundo — e sobre si.

Na biblioteca, nos corredores, nas árvores onde o Bem-te-vi cantava, ela reencontrou a menina que sonhava em ser professora. E já não sonhava mais — era.

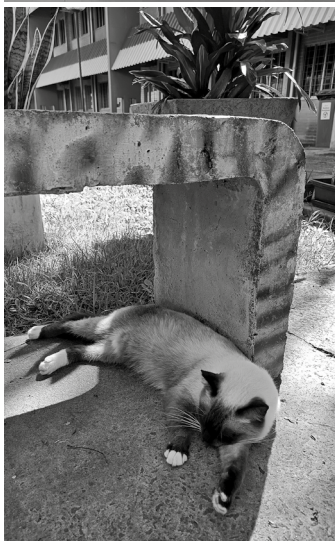
A UFGD, para ela, não foi apenas uma universidade. Foi tear. Foi linha. Foi a agulha que rompe o pano para construir um novo desenho.

Ali, ela entrelaçou o passado de onde veio com o futuro que agora podia imaginar.

Zara ainda vive em um reino que tenta ditar caminhos, mas agora, ela tece os próprios.

E cada mulher que escuta sua voz entende que também pode fazer o mesmo.





Fotos gentilmente cedidas pelo Grupo Ação Pró Jaguatiricas do campus.



UNIVERSIGATOS

Ricardo Devides Oliveira



Quando cheguei pela primeira vez na UFGD, lá em finais de novembro de 2024, época em que a Universidade já se encontrava bastante esvaziada por conta da proximidade tão desejada do recesso acadêmico, fui formalmente recebido por uma... gata. Ela veio como quem não quer nada, parou, mirou-me de cima a baixo, se espreguiçou e, muito plasticamente, no modo *slow motion*, se aproximou e fez um carinho que,



claro, entendi como um aperto de mãos. Eu, que amo os bichinhos, me agachei e retribui o carinho, e logo apareceram mais dois felinos (uma reunião de última hora, seria isso?). Já interessado nesse movimento bichano, centrei o olhar no horizonte do corredor externo da Faculdade de Ciências Humanas, em direção ao Restaurante Universitário, e identifiquei mais alguns gatinhos. Pensei comigo mesmo que, na ausência dos seres humanos, os gatos, espertos, danados e por vezes abandonados, haviam se territorializado na Cidade Universitária de uma forma silenciosa, sem enfrentamentos, numa versão atualizada da Revolução dos Bichos, verdadeira gataria inspirada na clássica e subversiva obra do escritor George Orwell.



Segunda-feira, 24 de fevereiro de 2025. Calor intenso, “GD” enchendo de pessoas, matrículas, calourada, reunião de planejamento com os seres humanos e, lá estavam eles, os felinos. Já conheci muitas universidades pelo Brasil e mundo afora, e alguns destes centros do saber são conhecidos por suas singulares faunas. Aqui perto, do outro lado do Rio Paraná, em Presidente Prudente, são os lagartos que divertem e assustam a comunidade acadêmica, alguns tão grandes que mais parecem os Dragões de Komodo. Em Florianópolis, famílias de capivaras passeiam livremente pelos corredores universitários, umazinha quase até que já assistiu uma aula minha. Em Goiânia, são os macaquinhos que compõem a paisagem acadêmica, ora pousando para *clicks*, ora furtando



lanchinhos. Lá no Sudeste Asiático, no Timor-Leste, pequena ilhazinha que fala português, são os crocodilos que margeiam as fronteiras universitárias e, esses sim, são assustadores. Assim, num ímpeto investigativo, daqueles que só ocorrem nos períodos de ócio criativo, decidi comprovar que a GD é a universidade dos felinos, a Universigatos.

Por meio de uma rigorosa técnica de observação, descobri que alguns gatinhos e gatinhas poderiam ter uma mãe ou pai humano, talvez mais de uma, dada a clara e evidente intimidade de umas pessoinhas com eles. Investiguei mais a fundo e descobri que muitas mães e pais humanos cuidam dos felinos da GD e também da UEMS. Têm mãe que dá comida e água, tem mãe que leva para a castração, têm mãe que salva



filhotinhos de árvores e telhados departamentais e os adota, e tem pai que, até mesmo nos fins de semana, vem cuidar dos felinos. E olha, é tudo organizado! Os felinos são protegidos por uma Comissão de Cuidado e Proteção Animal, sediada na GD, e por um coletivo chamado Jaguatiricas do Campus. O Jaguatiricas, criado em 2020, tem *e-mail*, *facebook* e *instagram*, realiza eventos e recebe doações, faz prestação de contas, e é possível que você já tenha comprado e se deliciado com uma sopa para-guaia, que é um bolo à base de milho vendido pelo grupo de voluntários nas feiras da cidade de Dourados, como forma de apoiar financeiramente o coletivo neste lindo trabalho de alimentação e hidratação dos felinos da GD.



Macaquinhos, capivaras, crocodilos e lagartos, nunca soube se lhes foram dados nomes nas outras universidades. Mas bem, com felinos é diferente, dada a profunda conexão doméstica e afetiva com os seres humanos, que naturalmente lhes dão nomes. Como vovó já me dizia (quem tem boca vai à Roma!), perguntando, não foi tão difícil descobrir os nomes de alguns dos gatinhos da GD. Na FCH tem a minha amiga Dóris, e a Lívia. Na FACET tem o querido Negão, que recentemente passou por uma cirurgia para retirar pedrinhas na bexiga. E na FAIND mora o Faíndio, que boceja lindamente. Há gatinhos na Prefeitura Universitária e também tem um grupo de gatinhos gordinhos vivendo lá na Fazendinha. Empolguei com os “sem nomes” e fui logo cha-



mando-os de nomes legais do tipo Mana, Dante, Frida, Reitor, Dourado.

Também precisava confirmar se os felinos são queridos pela comunidade universitária da GD e da UEMS, pois uma amiga confessou que eles não são consenso entre os frequentadores do Campus. Opa, pera aí! PE-RA-A-Í! Intrigado, peguei uma folha sulfite, risquei uma linha no meio, de um lado escrevi “SIM, AMAMOS” e do outro lado intitulei de “NÃO, NÃO GOSTAMOS”, e o resultado de uma amostragem com cerca de vinte pessoas entrevistadas foi: 90% são pessoas lindas maravilhosas e 10% são pessoas desgostosas com a vida (você que me lê, pode rir dessa ironia!). Confesso que fiquei muito feliz com o resultado da pesquisa de opinião, pois nem todo mundo gosta de compartilhar espaço com o mundo



animal, mas esse todo mundo, tal como cientificamente pude averiguar, é muito pouco. Mas, disse para uma das mães dos felinos em uma conversa despretensiosa, que está tudo bem também né, pois, “cê acredita que eu, quando era pequenino, também não gostava de gatos?”

Para comprovar de forma definitiva que a GD pode ser chamada carinhosamente de Universigatos, precisava de mais dados quantitativos. Voltei lá na Comissão, fuzei nas redes sociais do Jaguatiricas, e soube que a última contagem realizada pelas mães indicava cerca de 120 felinos. Vejam só, uma verdadeira gataria! Descobri também que nem todos os gatinhos aparecem para o público acadêmico nos dias letivos, provavelmente os mais carentes e ambientados, os mais estudiosos tal-



vez? Buscando tirar a prova, fui até a GD em um dia de domingo e sim, havia muito mais felinos aproveitando o raro momento de distanciamento social.

Universidades são como ecossistemas: tem pessoas, faunas e floras dos mais diferentes tipos, tamanhos e origens: alguns endêmicos, outros exóticos, uns domésticos e outros mais silvestres. E claro, a fauna ufgiana não é composta apenas por felinos e seres humanos. Justiça seja feita, há bem-te-vis, pica-paus, quero-queros, borboletas, corujas, abelhinhas, formigas, tatus, marias-faceiras, até mesmo jiboia já apareceu no campus, acredita? Pois sim, há notícias sobre a perigosa ocorrência. De todo modo, Dóris & Cia definitivamente fazem parte da vida e da paisagem universitária da GD pois, com



a ajuda de mães e pais voluntariosos, puderam encontrar um cantinho, melhor dizendo, uma moradia universitária. Tanto, caro leitor e leitora, é possível que, na perspectiva felina de Dóris & Cia, nós sejamos os visitantes na comprovada universidade dos gatos, a Universigatos.



DE MENINA A MULHER, DE CEUD A UFGD: UMA HISTÓRIA DE AMOR E RAÍZES

Adriana de Almeida Cristaldo

O ano era 1992, e uma garotinha de 11 anos, por conta de um projeto de ciências, ganhou como prêmio a chance de participar de um curso no Centro Universitário de Dourados, o CEUD. Nascida na própria cidade, ela já estava habituada a circular por ali, brincando no gramado e subindo nos pés de goiaba. Assim começou sua relação de afeto e pertencimento com aquela instituição, que, não



muito tempo depois, se tornaria a Universidade Federal da Grande Dourados — a UFGD.

Durante anos, frequentou a pequena biblioteca que funcionava onde hoje é a sala da Orquestra. Embora modesta, aquele espaço era repleto de sonhos e saberes. Através da leitura constante, descobriu a grandiosidade do Brasil e percebeu que havia inúmeras possibilidades de viver suas próprias aventuras.

Assim, percorreu o país fazendo vestibulares. Tinha muitas dúvidas sobre qual caminho seguir — afinal, aos 17 anos é difícil, talvez até imprudente, decidir o rumo de toda uma vida. Sua primeira experiência universitária não aconteceu na UFMS, da qual a UFGD mais tarde se desmembraria, mas sim em uma cidade do Paraná, onde começou a



cursar Engenharia. Contudo, antes de completar o primeiro ano, retornou a Dourados.

No ano seguinte, tentou uma vaga em Direito pela UFMS, em Campo Grande, sem sucesso. Mas teve uma nova oportunidade ainda naquele ano, em um vestibular exclusivo para os recém-criados cursos de Medicina e Direito, agora sediados em Dourados. Dessa vez, tudo deu certo: ela se tornou caloura da primeira turma de Direito da UFMS em Dourados!

A Universidade a viu crescer e amadurecer. Com o curso noturno, vieram também as responsabilidades: o primeiro emprego, novas amizades, conquistas e desafios. Seguiram-se tempos intensos, de estudos, estágios no Fórum e na Defensoria Pública, festas em repúblicas, rodas de violão, encontros estudantis, gre-



ves, congressos e *shows*. Aproveitou ao máximo tudo o que a vida acadêmica oferecia. Transcorreram cinco anos marcantes, encerrados com a tão sonhada formatura.

Já graduada, partiu explorar o mundo e entender o que realmente desejava. Conquistou a OAB, exerceu a advocacia e morou em outros Estados. No entanto, percebeu que a prática era bem diferente da expectativa. Optou pela estabilidade e decidiu focar em concursos públicos, inicialmente na área jurídica. Ocorreu nesse período o nascimento da UFGD, uma instituição “nova”, mas com muitas histórias a celebrar.

Coincidência ou destino — para quem acredita —, em 2010, o Hospital Universitário de Dourados passou a ser gerido pela UFGD. O então go-



verno Lula abriu um grande concurso com diversas vagas na área da Educação, bem distante da sua formação original. Mesmo assim, incentivada pelos pais, resolveu tentar. Inscreveu-se, fez o concurso e deu-se aprovada. Viu seu nome no Diário Oficial e, pouco depois, já estava de volta àquele lugar tão familiar, agora sob uma nova perspectiva.

Seria apenas uma fase, um concurso de transição. Mas já se passaram quase 15 anos. Hoje, é servidora da UFGD, instituição que ocupa um espaço especial em seu coração. Foi ali que construiu amizades, aprendeu a valorizar o próximo, transformou sua visão de mundo, desenvolveu sua carreira e conheceu seu esposo, seu companheiro de vida — com quem teve uma linda filha, outra pequena douradense, seu amor maior!



Aquela menina de outrora se tornou mulher, mãe e feminista. Assim como a UFGD, enfrentou momentos difíceis. Enquanto a Universidade lutava para se manter firme diante de um governo autoritário, ela vivia os desafios do puerpério. Juntas, enfrentaram as adversidades da pandemia: adoeceram, perderam pessoas queridas, mas seguiram adiante. Foi necessário se reinventar, reconstruir, mas ambas continuam de pé — lado a lado, de mãos dadas.

Talvez essa história ainda não termine por aqui. Ela tem muitos planos, quer mostrar o mundo à filha e inspirar outros a conhecerem e fazerem parte desse lugar tão especial. Hoje, carrega no peito um coração grato e a certeza de que a UFGD se fez coadjuvante em inúmeros capí-



tulos de sua vida. Por isso, deseja um feliz aniversário pelos 20 anos e uma vida longa à Universidade que tanto admira!





DO CEARÁ À UFGD: GEOGRAFIAS E ESPERANÇA

Antonio Idêrlian Pereira de Sousa

Em 2004, minha família deixou o Ceará. A seca, a pobreza e a desnutrição ainda desenhavam o cotidiano de muitos e, entre esses muitos, estávamos nós. Migramos para o Mato Grosso do Sul sem certezas, mas com o impulso silencioso de quem precisa sobreviver. Meu pai, homem de poucas palavras, depois de muito tempo, conseguiu novamente um emprego com carteira assinada, em um frigorífico da cidade de Cassilândia-MS. A cena da nossa



primeira “compra de mês”, com a casa cheia de sacolas e o armário finalmente completo, permanece viva em minha memória como símbolo de dignidade alcançada.

Nenhum dos meus pais tinha concluído os estudos formais. Ainda assim, foram eles os meus primeiros educadores. Minha mãe, com sua voz firme e olhos esperançosos, dizia: “O filho do pobre precisa vencer.” Esse lema, repetido tantas vezes, moldou meu senso de responsabilidade e acendeu em mim uma inquietude: a curiosidade.

Desde cedo, essa curiosidade me levava a caminhos improváveis. No ensino fundamental, reprovei-tei peças encontradas no lixo para montar computadores. Levei para a escola um botijão vazio de gás freon, como se fosse um experimento de



feira de ciências. Busquei, por conta própria, orientação de um professor da UEMS para aprender a extrair essência de flores. Tudo isso sem saber que, anos mais tarde, o diagnóstico de autismo me ajudaria a entender esse olhar diferente que sempre tive sobre o mundo. Descobri também que o que me movia não era apenas curiosidade: era um hiperfoco.

Em 2016, fui aprovado em dois cursos de graduação. Optei por iniciar em Ciências da Computação, mas percebi que a linguagem técnica não dialogava com o universo social que me atravessava. Mudei para a Geografia, e essa escolha se revelou um reencontro. Era como se, finalmente, eu encontrasse um idioma capaz de traduzir tanto as rotas da minha vida quanto os ma-



pas que eu queria desenhar para os outros.

Na UFGD, a sala de aula não foi o único espaço de aprendizado. Entre 2017 e 2019, coordenei projetos sociais de inclusão digital para crianças, idosos e moradores de bairros populares. Em 2019, em parceria com a Defesa Civil de Dourados, oferecemos um curso de geoprocessamento para profissionais de 17 municípios. Já em 2020, em plena pandemia, liderei um projeto de mapeamento do contágio da Covid-19 em cinco municípios sul-mato-grossenses. Era meu modo de retribuir o que um dia recebi: acesso, acolhimento e formação.

Esses projetos me ensinaram que a universidade não é um castelo cercado por muros de excelência técnica. Ela é ponte, território



de encontros. A sociedade investe na universidade, e cabe a nós, servidores, discentes, e pesquisadores, devolver esse investimento em forma de conhecimento aplicado, de ações que impactem vidas reais. Foi nesse movimento que aprendi a trabalhar em equipe, a reconhecer saberes populares e a enxergar a extensão como parte orgânica da missão universitária.

Hoje, sou bacharel em Geografia, fiz mestrado na UFGD e, atualmente, curso o Doutorado, também na UFGD. As únicas duas vezes que viajei de avião foram para apresentar trabalhos científicos. E foi também na universidade que conheci minha companheira, aluna da UEMS na época, com quem hoje compartilho sonhos.



Quando me formei, a formatura não foi apenas minha. Meus pais viram agora o segundo filho se graduar em uma universidade pública. Meu irmão mais velho se formou em Engenharia de Computação na UFGD. Ambos iniciamos esse percurso em Dourados, impulsionados pelo desejo ancestral de que os filhos tivessem mais oportunidades do que os pais.

Ao olhar para esses vinte anos da UFGD, vejo também vinte anos de portas abertas para histórias como a minha. Histórias que atravessam o mapa do Brasil, do sertão ao cerrado, e encontram, nas salas de aula, nos laboratórios e nos projetos de extensão, os instrumentos para redesenhar a própria existência.

A UFGD, por muitos anos, foi, e ainda é, a minha casa. Como a Geografia ensina, ou como diria o pro-



fessor Jones, a UFGD é o meu espaço de relações: relações que se atravessam, se conectam e se transformam, à medida que transformam também a nós mesmos e o próprio espaço.

Não foram apenas dois diplomas que a UFGD me deu. Ela me deu a possibilidade de sonhar mais, sonhar alto; de transformar minhas curiosidades em conhecimento; de converter conhecimento em ação, e minha dor em causa, minha trajetória em compromisso social.

Por isso, celebro esses vinte anos de UFGD com gratidão e esperança. Que a universidade continue sendo esse território fértil onde outras geografias de esperança possam florescer.





ECOS DO SABER

Rafael Todescato Cavalheiro

João chegou cedo à Editora da UFGD. O dia prometia ser movimentado, e ele gostava de começar antes que o campus despertasse por completo. Ainda com o café nas mãos, organizava mentalmente a lista de pendências: revisão final de um livro prestes a ser lançado, escolha de imagens para o novo catálogo e ajustes no cronograma de publicações.

Na editora, os corredores silenciosos guardavam o cheiro dos livros recém-chegados. Na mesa, uma pilha de exemplares aguardava conferência. Para João, aquele espaço era mais do que um ambiente de traba-



lho, era onde ideias tomavam forma e se tornavam acessíveis para toda a comunidade acadêmica.

Enquanto organizava as estantes, encontrou um livro antigo, esquecido entre publicações recentes. O título, *Ecos do Saber*, chamou sua atenção. Ao folhear as páginas, percebeu que se tratava de uma coletânea de textos produzidos por estudantes e servidores, registrando suas trajetórias e vivências na UFGD. Cada página trazia uma lembrança: crônicas sobre os desafios do início da graduação, contos ambientados nas salas de aula e poemas que falavam sobre resistência, amizade e transformação. Um deles narrava a história da “Turma do Fundão”, um grupo de amigos que, entre debates acalorados e tardes de trabalho coletivo, construiu uma trajetória de apoio mútuo.



A leitura fez João refletir sobre o papel da Editora da UFGD, não apenas como espaço técnico, mas como elo entre vozes e experiências diversas. Era ali que o saber circulava, que ideias se consolidavam, que registros da memória institucional ganhavam forma. A Editora era parte viva do projeto universitário.

Inspirado, João começou a planejar uma nova publicação: um livro comemorativo pelos 20 anos da UFGD. A proposta era simples, mas potente, reunir textos de servidoras, servidores, pós-graduandas e pós-graduandos que quisessem contar, em até quatro páginas, sua relação com a universidade. O tema escolhido: “Eu na UFGD”.

A divulgação foi feita, e os envios começaram a chegar. Eram poemas, contos, crônicas, imagens. Cada pro-



posta trazia um fragmento do que é viver e fazer parte da universidade: os bastidores da pesquisa, os desafios da rotina administrativa, a convivência nos corredores e a construção coletiva do ensino público.

O livro tomou forma com rapidez. João acompanhou de perto cada etapa: leitura, seleção, preparação gráfica. Quando o volume ficou pronto, sentiu um orgulho discreto, mas profundo. Sabia que aquela obra registrava mais do que memórias, documentava uma parte da história da UFGD contada por quem a constrói todos os dias.

No lançamento, servidores, estudantes e professores se reuniram para celebrar. Não era apenas um livro. Era um marco. Um retrato plural e honesto da universidade em seus 20 anos de existência.



Mais tarde, já sozinho no setor, João observava o campus pela janela. Pensava na missão da universidade: formar, pesquisar, servir, conectar. Percebia que, mesmo em meio a desafios, havia algo que persistia: o compromisso coletivo com o conhecimento e com a transformação da sociedade. E foi nesse pensamento que entendeu: aquele livro, como tantos outros, também era um *eco do saber*.





ECOS DE UMA CAMINHADA QUE FLORESCE À MARGEM DOS PÓDIOS

Vagner Almeida dos Santos





Pelas sendas do saber, trilhei meu destino. Em Campo Grande/MS, no coração de uma biblioteca escolar, não apenas trabalhei, mas percebi que o ofício era maior. Uma biblioteca não vive somente de acervo; pode ser o mundo silenciosamente guardado, desde o pergaminho de outrora até os irrevogáveis recursos digitais e virtuais de hoje. Quase sempre, depende de um interlocutor entusiasmado, que queira levar às pessoas o que elas necessitam, mas não sabem que existem. Analisando a taxonomia de uma Barsa, muito me despertou para entender como aquilo funcionava. Eu nem conhecia Shiyali Ranganathan, mas a essência de suas cinco leis já habitava em mim.

Minha chegada à Universidade Federal da Grande Dourados foi um



encontro de caminhos, um destino tecido na paixão nutrida pela Biblioteconomia, que há pouco havia conhecido e na qual me formara. Em meio a jornais e portais, uma notícia se destacou, reluzente como um farol: a vaga temporária para Bibliotecário que a Universidade oferecia estava prestes a florescer em oportunidade efetiva. Esse anúncio, como um convite, despertou-me à preparação e a aposta de que aquele poderia ser o meu lugar, o porto onde minha jornada profissional se ancoraria.

Fui talhado para um ofício, regido por um código de ética. Embora a faculdade que me formou tenha-me oferecido disciplinas essenciais à profissão, para o caminho que eu trilharia, faltava-me pesquisa e extensão, como ventos que sopram em velas ausentes. O curso me moldou para



ser um Bibliotecário que executa as demandas, tal como elas se apresentam. Foi, no entanto, apenas no mestrado que, olhando a um espelho mais profundo, pude, enfim, reconhecer não só algumas das minhas limitações, mas também da minha formação.

No longínquo ano de 2010, para espanto de alguns colegas - pessoas simples, também afetadas pela falta de oportunidades que vivi — pedi exoneração de um cargo público de ensino médio. Em seguida, adentrei os portões da Universidade Federal da Grande Dourados como recém-formado, com a alma transbordando o entusiasmo de, enfim, exercer a profissão para a qual me forcei.

Não tardei a perceber que na Universidade, como servidor, não era apenas um ambiente de labor. Aqui,



uns fazem o mínimo e contam os dias que antecedem a aposentadoria, mas nesse mesmo jardim, podemos contribuir de várias outras formas. No meu ramo de atuação, habitava em mim a confiança de um novo projeto, que almejasse uma biblioteca como um farol para os usuários, que ela fosse menos cartorária e gélida e, mais vibrante, como nos ensina David Lankes.

Ao mesmo tempo, meu espírito inquieto pulsava nos movimentos de classe, imerso em sindicatos, federações, grupos e associação da pessoa bibliotecária. Minhas vivências ensinaram-me que no discurso da meritocracia, a sombra da mentira adverte: a cultura, vasta e bela, é acessível a todos que portam simples desejo. Contudo, essa é a perigosa fábula que obscurece a realidade, no



mínimo uma melodia recorrente que ressoa nos ouvidos daqueles que se eximem do compromisso sociopolítico e da justiça social.

Longe de ser apenas guardião de livros, ser bibliotecário da Universidade Federal da Grande Dourados, para mim, deve ser um artífice do presente e do futuro. Não apenas organizar páginas e volumes, mas acender a chama da curiosidade, desvendar o labirinto do saber e fazer de cada prateleira um portal de novidades e mudanças. Nessa Universidade, experienciei participar de conselhos, comissões, cursos e grupos de trabalho para missões específicas. Na arena da luta dessa classe, onde se ecoam as vozes dos técnicos-administrativos em Educação, teceu-se a linha de minha jornada.



Por força da luta coletiva, conquistei meu primeiro afastamento para pós-graduação em 2015, um direito que brotou do chão fértil da resistência. Faço de minhas palavras, memória viva dos 20 anos da Universidade Federal Sul-Mato-Grossense que, atenta ao clamor da categoria, admitiu a política de concessão de licenças para estudos, garantindo que a busca por conhecimento se efetivasse sem a perda de remuneração. Assim, o caminho que segui é um tributo a todos que caminharam e caminham ao meu lado, um verso escrito pela luta.

Como muitos jovens, eu também cheguei a me interessar por uma nova graduação, até me matriculei no curso de Sistema de Informação. Entretanto, o nosso plano de carreira, um farol que incentiva a educação



continuada, guiou-me à pós-graduação. Assim, aportei na cidade do Rio de Janeiro, em uma universidade pública, para cursar o mestrado, em vez de outra graduação.

Lá, as bases filosóficas das aulas de Fundamentos em Biblioteconomia, ministradas pelo professor Gustavo Saldanha, me fizeram desvelar a minha formação focada apenas no lado profissional em detrimento ao da pesquisa. A princípio, intimidou-me a tarefa de entrelaçar a genialidade de Ranganathan com o pensamento pré-socrático, como também, às luzes de Platão e Aristóteles. Essa inquietação foi o meu despertar.

Naquele turbilhão de ideias, além do aprendizado que recebi, encontrei um pouco de rebeldia que me permitisse ir além; de me libertar das certezas do pragmatismo no ensino su-



perior privado, urdido nas teias das desigualdades sociais e raciais. Foi um véu que me barrava, uma âncora que me prendia, a sombra que me roubava o sol do meu progresso. Foi uma jornada de autoconhecimento, que me mostrou a beleza e os medos da inserção na pesquisa. Em terras do conhecimento, sob o amparo de minha Universidade, mergulhei na teia que une cooperativamente as bibliotecas da Universidade Federal da Grande Dourados e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

No emaranhado de descobertas, uma ecoa com nitidez cristalina, ainda que a verdade seja óbvia, preciso aqui reiterar: sim, há uma vocação latente, um acordo silencioso entre as duas bibliotecas. Contudo, não há agenda onde a cooperação bibliotecária se desvela em novos frutos,



mas sim, a manutenção de uma antiga permuta de benefícios. A pesquisa científica, com seu olhar desnudador, revelou fissuras e limitações nas sombras do pacto. Em suma, aquilo que hoje nos parece suficiente e promissor, poderia florescer em algo muito mais grandioso, transformando-se em um farol de benefícios para os serviços públicos federal e estadual em ambas organizações. O potencial adormecido anseia por despertar e construir pontes onde hoje há apenas a promessa de um rio.

Com minha dissertação concluída, e a alma ainda em redemoinho, busquei um porto conhecido no meu local de trabalho. Entre conversas e olhares, partilhei com meus colegas os frutos da minha jornada, como um gesto humilde para retribuir a ausência que o estudo me impôs. A esperança, então,



acendeu quando agendei reunião com a então reitora, professora Liane Calarge e assessores. Eu sonhava semear novas possibilidades de aperfeiçoar este relacionamento interinstitucional, mas o destino, por vezes caprichoso, não se concretizou.

Minha jornada enquanto Bibliotecário dessa Universidade, sempre me guiou à incessante busca por horizontes mais vastos. No cerne do meu fazer, creio que podemos alçar voos mais altos do que até hoje. Por ser terreno do meu ofício, tenho confiança no poder de transfiguração que as diretrizes de uma biblioteca universitária permitem. Apesar das sombras que se erguem, sempre teci com afincos projetos mais ousados, cujo intento, ultrapassam o modesto leque de atividades que até então conseguimos oferecer à comunidade.



Um farol nessa jornada foi um projeto de extensão, onde trouxemos vozes notáveis deste Mato Grosso do Sul e de outras terras. Esse empreendimento não aludiu apenas a temas bibliotecários, mas abriu-se o debate sobre feridas sociais profundas: o antimachismo, o antirracismo, o assédio em suas formas mais sombrias no palco do trabalho. Algumas dessas sementes foram plantadas sob o céu turvo da pandemia de COVID-19. Naquele tempo de crise global, enfrentamos o desafio do labor à distância por quase dois anos, e a ventania da resistência negacionista. Moldamo-nos à nova face da realidade, colhendo lições valiosas sobre o sopro da vida e o resguardo do distanciamento — uma experiência árdua que em minha existência jamais quero reviver.



Além do ofício diário, o clamor sindical me chamava a rotinas em Brasília, no coração da FASUBRA Sindical, onde atendi como um dos 27 dirigentes da federação. Entre idas e vindas, a promessa em mim do aprimoramento acadêmico ardeu mais forte. Em 2024, lancei-me e fui aceito em três portas para o doutorado em Ciência da Informação — na UFSC, UNESP e UFSCar. Diante da encruzilhada, meu espírito escolheu o renomado Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Marília.

Atualmente, sou acolhido por Marília-SP, em novo afastamento para estudo e pesquisa, vivenciando o primeiro semestre dessa nova etapa. O entusiasmo me inunda, e ainda me pego a duvidar de que retornei à pós-graduação, agora no doutorado,



mais uma vez com a concessão de minha instituição, a quem sou ainda mais grato. A travessia aqui também é um convite desafiador, por isso sigo firme em meu desígnio de tecer relevantes contribuições para o vasto campo da informação, em especial na Biblioteconomia, na biblioteca universitária e na organização do conhecimento sobre políticas antirracistas, como caminho para a construção de uma sociedade mais equânime.





EU NA UFGD: UM CAMINHO QUE SE ABRE ENTRE IPÊS E SONHOS

Vanessa Maciel Franco Magalhães¹

Parece que foi ontem...

Ainda me recordo da tenda montada ao lado da biblioteca, aguardando a chegada do presidente para a inauguração da nova instituição de ensino superior de Dourados — a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), carinhosamente

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE-UFGD). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Transculturalidade (GELT- CNPq). E-mail: vanessa.magalhaes@hotmail.com. ORCID: 0009-0001-4509-9740.



chamada de “GD” pelos mais próximos. Naquela época, enfrentávamos a incerteza da separação da antiga universidade federal do estado e temíamos pela sustentabilidade da nova instituição. Mas, acima de tudo, havia a certeza de que agora teríamos uma universidade federal só nossa.

Ao relembrar essa trajetória, vejo uma analogia com o ciclo de vida dos Ipês, símbolos do Cerrado e do Pantanal. Assim como essas árvores enfrentam períodos de adversidade antes de florescerem com exuberância, a UFGD também passou por desafios que exigiram de todos nós luta, resistência e resiliência.

Os Ipês, após a floração, dispersam suas sementes aladas pelo vento, que germinam com facilidade e crescem rapidamente, permitindo



que a árvore atinja sua maturidade em poucos anos. Da mesma forma, a UFGD espalhou seus frutos além dos limites de Dourados, impactando a vida de muitos cidadãos em Mato Grosso do Sul e em todo o Brasil.

Fundada em 1º de agosto de 2005, a UFGD nasceu do sonho de interiorizar o ensino superior público e gratuito, tornando-se um farol para tantos que, como eu, buscavam mais do que um diploma: buscavam pertencimento, melhoria na qualidade de vida, valorização profissional e desempenho acadêmico.

Minha relação com a UFGD começou de forma indireta, utilizando a Biblioteca Central e o Restaurante Universitário, e convivendo com colegas que agora fazem parte do quadro administrativo da instituição. Acompanhei de perto, do ou-



tro lado da avenida, como servidora de outra instituição, o crescimento e fortalecimento da UFGD.

Ceguei como quem adentra um território novo e promissor — com os olhos brilhando, os pés ainda incertos e o coração cheio de esperança. Após 10 anos sem me colocar no papel de estudante, ousei me lançar em estudos mais aprofundados, ingressando no Mestrado em Letras, na então Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE). Era um sonho, mas recheado de medos e inseguranças. A UFGD, com seus Ipês que florescem como poesia entre os blocos, foi se revelando aos poucos, como uma boa história contada ao pé da lousa e entre várias xícaras de café.

Lembro-me bem da primeira vez que entrei no campus como estudante: um silêncio nos corredores que



parecia sussurrar experiências de quem veio antes. E eu ali, pronta para começar a escrever a minha própria história nesse lugar. O desafio foi enorme, mas me propus a vivenciar tudo com intensidade, pois, estando afastada de minhas funções laborais, estava integralmente dedicada a aproveitar tudo o que o mestrado poderia me proporcionar. Foram muitos aprendizados: entre leituras e debates, seminários e reuniões de grupo de pesquisa, conversas com colegas e com a equipe do projeto — tudo foi importante para minha formação. A universidade reforçou a crença de que aprender vai além do conteúdo das disciplinas. Aprender é exercitar o olhar, respeitar as diferenças, compreender que o conhecimento se constrói no encontro — e aqui vivi e vivo lindos encontros — no

Ao concluir o mestrado, retornei ao meu trabalho, mas não era mais a mesma pessoa. A passagem pela UFGD transformou minha vida e minha carreira. Dei muitos passos, subi alguns degraus de conhecimento, que me levaram a entender que isso, sozinho, não vale de nada se não houver empatia, humildade e troca de experiências durante o processo.

Depois de 10 anos, estou de volta, agora iniciando o Doutorado em Letras, agora na FALE, com novos desafios, novos olhares e novos desejos profissionais. Poder estar de volta é entender que faço parte dessa história, e essa instituição faz parte da minha história. Cada professor que encontrei, cada colega com quem dividi angústias e con-



quistas, ajudou a desenhar o mapa da minha trajetória. Em cada sala de aula, havia e há sempre algo de sempre: um tema que desperta, uma pergunta que não se cala, uma ideia que germina em mim.

A UFGD é, antes de tudo, um espaço de afetos. Um lugar onde a ciência caminha de mãos dadas com o cuidado, onde a pesquisa se compromete com a transformação do território, onde a extensão leva o saber para fora dos muros — e traz de volta experiências que nos formam, que nos tocam, que nos mudam. Nestes vinte anos, a universidade cresceu. Expandiu seus cursos, fortaleceu seus programas de pós-graduação, consolidou-se como referência em diversas áreas do conhecimento. Mas o que mais me encanta é que, mesmo com esse crescimento, ela não perdeu



sua alma acolhedora. Continuamos nos reconhecendo nos olhares dos outros — como quem faz parte da mesma travessia.

A analogia com os Ipês também reflete o compromisso da UFGD com a inclusão e a valorização da diversidade. Gosto de ver tantas pessoas fazendo parte dessa travessia: douradenses, estudantes de outras partes do país, indígenas, migrantes, assentados rurais, quilombolas, estudantes internacionais, pessoas com deficiência, independentemente de sexo, cor ou crença... O que importa são as vidas impactadas por esta instituição.

Hoje, ao ver a UFGD completar duas décadas de história, sinto que celebro também um pedaço da minha própria jornada. O chão da universidade guarda as pegadas de



tantos sonhos que passaram por aqui — e os meus estão entre eles. Em cada árvore plantada, em cada trabalho apresentado, em cada amizade construída, há uma pequena parte de mim e de todos nós. Ser UFGD é saber que o conhecimento floresce como os Ipês: com tempo, com cuidado, com raízes profundas — cada um do seu jeito, da sua cor, no seu tempo. E que, mesmo quando partimos, algo de nós permanece, como as pétalas que dançam no vento e se espalham em outros cantos, impactando o olhar de todos que passam por aqui.

Estar na UFGD é, sobretudo, aprender a fazer do saber um gesto de esperança. E que muitas outras pessoas também possam se esperar neste lugar.



Que os próximos anos sejam de contínuo florescimento, com raízes cada vez mais profundas na educação, na pesquisa, na extensão e na internacionalização.

Vida longa à UFGD!



NATUREZA EM PERIGO

José Luiz Fornasieri²

Outrora campos e matas exuberantes
Fauna e Flora rica e muito diversificada

Águas Límpidas, ar puro, matas preservadas

Rios piscosos cheios de vida e os pássaros a cantar
Porém, o “progresso” veio a Natureza ameaçar

Poluição do ar, contaminação do solo, dos rios e do mar

Mudanças climáticas graves, aquecimento global e secas extremas
Colocam em perigo a vida e a Natureza começa a vingar

2 Professor da FCA



É preciso urgentemente o homem se conscientizar

E desenvolver medidas e atitudes para o Planeta salvar

Precisamos saber conciliar desenvolvimento e meio ambiente Através de tecnologias que busquem a sustentabilidade

E assim novas esperanças há de vir para a humanidade E novo mundo haverá de florescer para a eternidade



POEMA: O SILÊNCIO QUE SE DESFAZ COM SINAIS

Adriana Pereira da Silva Santos³

Universidade Federal da Grande Dourados,
Um espaço aberto para todas as pessoas
União de várias tribos, nações e etnias
Diversidades que se alinham em uma só via

Mistura de histórias, línguas e culturas
Povos de braços dados em um único
movimento
Junção de diversas vivências e saberes
Acadêmicos esmeram-se em busca de
conhecimento
Nesta casa, técnicos, docentes e discentes

3 Tradutora Intérprete da Libras — Assessoria de Comunicação Social/UFGD



Buscam o alcance de propósitos e objetivos
Entrelaçam vidas em cada semestre letivo
Almejam o findo mesmo com percalços no
caminho

Cada discente traz um sonho e o coração
a vibrar,
Traz na alma a mais pura esperança de
crescer
Nos olhos, o brilho de quem veio para lutar,
Aqui, encontra a oportunidade para
concretizar

Aqui eu cheguei, depois de muita espera.
Desde o dia da prova eu sonhei, pelo dia
do ingresso
Como técnica assumi e o sonho tornou-se
realidade
Na minha função de tradutora, contribuo
para o progresso.



Tradutora de Libras sou, intermédio da
comunicação

Língua da comunidade surda

Docentes, discentes e sociedade em geral

Para eles faço a acessibilidade gesto-visual

No contexto da diversidade há um aspecto
singular

Em meio ao heterogêneo uma forma
sinalizada de comunicar

A comunidade das pessoas surdas que
escutam pelo visual

É um grupo específico neste âmbito
institucional

Para eles as mãos interpretam o que a
boca diz,

As bocas oralizam o que expressam as suas
mãos

Dualidade que constrói pontes para o
conhecimento

Proximidade e contato entre o professor
e aprendiz



Na sala, no auditório, todo âmbito
acadêmico,
Faça-se das Libras uma língua para a paz
E digo com orgulho, sem hesitar neste
momento
É por meio da Libras que o silêncio se
desfaz

Pela Libras, o mundo dos sons é substituído
por de sinais,
Expressões e classificadores ajudam a
comunicação a fluir
Subsequente à voz, as mãos têm
responsabilidades tais
Entre a voz e as mãos, essa precisa
sobressair

Inclusão e permanência é um desafio
constante
No nível universitário não é diferente e, é
visível



Sendo a acessibilidade linguística em Libras, um direito

A presença de intérpretes é imprescindível

Desejo que no futuro a Libras alcance outras mãos

Que os surdos realmente façam parte da inclusão

Que a UFGD continue a caminhar com eles
E que a voz seja acompanhada pela sinalização.





UF
GL 20
ANOS

UF
GD editora

